

Revista Internacional de Formação de Professores (RIPF)

ISSN: 2447-8288
v. 2 , n.3, 2017

EDUCAÇÃO ESCOLAR, FORMAÇÃO DE PROFESSORAS E MEMÓRIAS

SCHOOL EDUCATION, MEMORIES AND TEACHER TRAINING

Submetido em 16/01/2017

Avaliado em 30/01/2017

Aceito em 10/08/2017

Ana Cláudia Sousa | Mestranda em Educação pela Universidade Federal de
Mendonça | Sergipe – UFS. Membro do NUPIEPED – Núcleo de
Pesquisa em Inclusão Escolar da Pessoa com Deficiência.
Contato: anaclaudiasm70@hotmail.com

Rita de Cácia Santos Souza | Profa. Dra. da Universidade Federal de Sergipe – UFS.
Membro da Associação Brasileira de Pesquisadores em
Educação Especial, SBHE e vice-líder do NUPIEPED –
Núcleo de Pesquisa em Inclusão Escolar da Pessoa com
Deficiência. Contato: ritacssouzaa@yahoo.com.br

Marcos Batinga Ferro | Mestrando em Educação pela Universidade Federal de
Sergipe – UFS. Professor da Faculdade São Luís de França-
FSLF/Aracaju – SE. Contato: marcosbating@hotmail.com

EDUCAÇÃO ESCOLAR, FORMAÇÃO DE PROFESSORAS E MEMÓRIAS**RESUMO**

O estudo tem como objetivo abordar, através das memórias de uma professora, a sua formação entre as décadas de 50 e final de 70, do século XX, onde a educação escolar vivenciava conceitos que eram ressignificados com a inserção da mulher nas cadeiras dos grupos escolares. Pretendeu-se, através da aplicação de um questionário, revisitar as memórias da informante, tomando Freitas (2003), Le Goff (2003), Santos (2006), Azevedo (2009) e Chartier (2009 e 2010), entre outros, como pressupostos teóricos na construção do estudo que, após a análise, tem como propósito identificar os caminhos percorridos e as dificuldades enfrentadas por uma mulher que almejava transcender o âmbito doméstico, a independência social, econômica e a realização profissional, como professora, mãe e mulher, em um período em que as mesmas tinham pouco acesso à cultura, ao mundo da política, dos direitos de cidadãs e de uma educação igualitária. E, atendendo a Resolução do CNS 466/12, sobre pesquisas com seres humanos, para resguardar a identidade da informante e qualquer forma de constrangimento, será usado um pseudônimo para a mesma.

Palavras-chave

Educação Escolar. Formação de professoras. Grupos Escolares. Independência social e econômica. Memórias.

SCHOOL EDUCATION, MEMORIES AND TEACHER TRAINING**Abstract**

This paper has the aim to approach, through the memory of a teacher, her professional education between 50's and final of 70's decade, from 20th century, when the school education lived concepts that it were reframed with the inclusion of women in the chairs of school groups. It was intended, through the application of a questionnaire, to revise the informant's memories, taking Freitas (2003), Le Goff (2003), Santos (2006), Azevedo (2009) and Chartier (2009 e 2010), as theoretical assumptions in the construction of the study. After the analysis, looked for identify the paths covered and how difficulties faced by a woman who sought to transcend the domestic sphere, the social, economic independence and professional achievement, as teacher, mother and woman, in a time that they had few access to the culture, to the politics, women's rights as citizen and egalitarian education. In addition, complying with the CNS 466/12, on research with human beings, to protect the identity of the informant and any form of embarrassment, it will be used a pseudonym for them.

Keywords

School education. Teacher training. School groups. Social and economic independence. Memories.

INTRODUÇÃO

O estudo abordou a trajetória de formação da professora do ensino primário, Maria Antonieta Borges, nascida 1949, no povoado Itaperoá, pertencente à cidade sergipana de Siriri. Foi aluna do grupo escolar municipal do povoado e, mais adiante, começou sua carreira profissional no mesmo grupo, assumindo a cadeira de mestre após um processo seletivo.

A informante, como a maioria das jovens do período em estudo, almejava a independência social, econômica e a realização profissional, como professora, que acalentava desde cedo, através das brincadeiras com as bonecas e dos sonhos de transpor as cercas do pequeno povoado.

As opções de trabalho, para as jovens nascidas na época, no citado povoado, como nas cidades sergipanas, eram escassas, e, as apresentadas, não agradavam Maria Antonieta, que desejava seguir outro caminho; era uma jovem que gostava de estudar, e, percebeu que o estudo seria a porta, para fugir do destino traçado diante das dificuldades e do cenário desenhado.

Como coloca Chartier (2010, p. 12), “a história, como toda e qualquer ciência, “não se constrói numa torre de marfim. Ela se constrói na vida mesma, e por pessoas vivas que estão mergulhadas no século”. Dessa forma, através da aplicação de um questionário, os autores buscaram extrair das memórias da informante, relatos sobre a educação recebida nas décadas de 50 e final de 70, do século XX, visto que a educação feminina ainda dava passos curtos nos ambientes escolares e as mulheres lutavam por uma educação e uma formação que não as vissem apenas através dos dons maternos ou como prendas domésticas, mas, como profissionais, capazes de exercerem e ocuparem espaços antes, pensados e criados para os homens.

Estudos realizados, acerca da trajetória da educação feminina no nosso país, retratam, muitas vezes, a mulher ligada ao casamento e à maternidade, vista como desprovida de competência emocional para administrar o campo familiar e profissional, tendo que - por exigência da sociedade, naquele contexto histórico - fazer, em muitos casos, a escolha entre o casamento, a realização profissional e o celibato feminino, em virtude das dificuldades de acesso à educação, das cobranças sociais e das políticas de apadrinhamento, muito comuns naquela época. Como relata Santos (2006):

Ou por imposição ou por opção, muitas mulheres que atuaram no magistério sergipano nas primeiras décadas do século XX, época que coincide com a atuação de Helvécio de Andrade à frente da Instrução Pública Sergipana, permaneceram solteiras durante suas vidas e esse é um assunto sepultado com as que já se foram. Por outro lado, as que ainda vivem evitam, de todas as maneiras, falar a respeito, não se sabe ao certo se por preservação de valores morais ou por serem vítimas de sequelas emocionais por não terem experienciado o casamento. (Santos, 2006, p. 2-3).

O exposto acima evidencia, o quão difícil foi à caminhada da mulher no mercado de trabalho de uma forma geral, especificamente no magistério, para adquirir respeito e provar que era capaz de desempenhar com responsabilidade e competência, as atividades do lar e do trabalho.

E, esses desafios, só foram possíveis de serem trilhados, a partir do surgimento da primeira escola normal feminina em Sergipe, nascida no final do século XIX, como bem explicita Freitas (2003, p. 12), “a entrada em funcionamento da primeira escola normal feminina em Sergipe, no ano de 1877, representou um importante passo para a profissionalização da mulher como professora” e, a partir da primeira, outras foram surgindo no estado e mais mulheres foram tendo oportunidades, de aos poucos, irem quebrando as barreiras impetradas por uma sociedade machista.

As questões abordadas no questionário serão introduzidas no desenvolvimento do estudo, sendo percorridas de maneira, que ao final, através das memórias da informante se possa compreender o percurso trilhado pela mesma na educação recebida no período e como se deu a sua formação para atuar como professora.

Santos (2006, p. 25), afirma que “os Grupos Escolares e as Escolas Isoladas espalhadas pela capital e interior, representaram espaços apropriados para instruir as mulheres e ampliarem os horizontes de trabalho para elas”. A afirmação vem reforçar o desejo de trabalhar, como professora, colocado pela informante quando diz:

Fui para o grupo escolar com sete anos. Meus pais eram agricultores e minha mãe tinha instrução; eu e meus irmãos fomos todos para a escola. Somos nove filhos e eu sou a segunda e depois que fui alfabetizada gostava de brincar de professora com os meus irmãos e

queria ter a letra igual a da minha mãe que era linda, parecia um desenho, uma arte. Fiz muita caligrafia, mas, igual à dela não ficou.

O grupo escolar onde a informante estudou era pequeno e constava de uma sala, dois banheiros que ficavam ao lado, um galpão e um espaço pequeno, anexo ao grupo, que era a casa da professora. Através de leituras prévias, acerca do processo histórico da formação e profissionalização do magistério feminino, percebe-se que se tratou de um processo de enfrentamento, escolhas, desvalorização, autoritarismo excessivo, apadrinhamento vinculado a classe social e as políticas partidárias.

Voltando na história sobre a carreira profissional das ex-normalistas, nas primeiras décadas do século XX, período de ascensão das escolas normais, na capital e nos interiores, Freitas (2003), faz menção às ex-normalistas, que são enviadas para lugares distantes das suas cidades e famílias, abdicando do conforto e proteção dos seus, para exercerem o sonho do professorado, indo morar em locais, na maioria das vezes, sem atender as necessidades básicas de sobrevivência inerentes a qualquer ser humano, dessa forma, relata que:

As experiências vivenciadas pelas normalistas são permeadas de forma ambígua pela resistência e pelo conformismo, uma vez que, procuram independência social e econômica através do magistério, profissão socialmente permitida e considerada respeitável para as mulheres de classe média, no período analisado. As trajetórias vivenciadas no processo de ingresso no magistério – primeiros cinco anos – relacionam-se com as motivações de ingresso no curso normal. [...] começaram lecionando na primeira entrância, em escolas localizadas em povoados e através da “lei dos acessos”, dos cursos e dos bons termos de visita. (Freitas, 2003, p. 166-167).

Sobre o relato em tela, abordado por Freitas, nas primeiras décadas do século XX, nota-se, décadas depois, que essas professoras continuavam sendo enviadas para povoados distantes de suas residências, sem assistência, e politicamente, era uma profissão que os governos usavam de subterfúgios e apadrinhamento para privilegiar umas e preterir outras, evidenciando a voz alta da classe social. A informante, sobre a origem da sua professora menciona que:

Minha professora se chamava Ivanete Vieira de Moura e era de uma cidade distante que na época eu não sabia ao certo que distância era essa e hoje eu sei; ela era de Amparo do São Francisco. Veio morar sozinha, num quartinho vizinho ao grupo. As pessoas tratavam-na bem e levavam coisas para ela, como frutas, macaxeira, galinhas...ajudavam como podiam, porque todo mundo era pobre e viviam do que produziam, mas, a chegada dela no povoado foi um acontecimento, era uma mulher inteligente, estudada e estava ali para ensinar as crianças e jovens do povoado. Ela só ia para casa nas férias. No grupo escolar, pela manhã funcionava a primeira série e a segunda série e à tarde funcionava a terceira série, e para fazer a quarta série, teria que morar na cidade de Siriri por um ano e pouco para estudar e receber o certificado depois, na cidade de Nossa Senhora das Dores...era muito difícil aquela época para a mulher estudar e principalmente, ser professora.

Diante do exposto acima, percebe-se que falar em educação escolar feminina e formação de professora, no período abordado por esse estudo, é adentrar em um campo de lutas, obstáculos e muitas adversidades para se alcançar a realização pessoal e profissional, principalmente para quem nasceu, em um povoado, de um município pequeno, e de família de agricultores. Foram essas lutas, e, esses obstáculos, que embasaram através das memórias da informante, os próximos passos desse estudo.

DESENVOLVIMENTO

Como mencionado, anteriormente, foi utilizado um questionário, como base no direcionamento da pesquisa. A princípio houve uma conversa exploratória com a informante, catalogando algumas informações sobre a possibilidade da mesma, e em seguida, foi elaborado um questionário baseado na visita exploratória, do qual, obtiveram-se, respostas, que serão discorridas no desenvolvimento do presente estudo.

A informante foi estudar com sete anos porque era a idade permitida para adentrar à escola, na época. Ingressou no Grupo Escolar Municipal Gonçalo Prado, no povoado Itaperoá, pertencente ao município de Siriri, em 1956. A mesma coloca que era uma época muito difícil para estudar e que, quando terminou a terceira série no povoado, para receber o certificado, teria que estudar a quarta série, durante um ano e

pouco na cidade de Siriri e os pais não tinham condições para mantê-la na cidade. A emoção brota dos seus olhos ao fazer o seguinte relato:

Eu era muito nova, não tinha como fazer o percurso utilizando-se de animal como meio de transporte, por causa da distância, e, não existia transporte público, para se deslocar como hoje, de um local para outro, ligando os municípios. Naquela época, deslocamento não era fácil, pois, era feito por animais, a pé, ou em pau de arara, nos dias de feira, nos municípios. Chorei muito, mas, não desisti de continuar estudando e a minha professora era muito boa, gostava de mim porque eu era uma aluna esforçada, disciplinada e permitiu que eu ficasse na turma. Hoje sei que eu era tipo, aluna assistente da professora, estudava e ajudava com os outros alunos.

Sendo assim, ela permaneceu mais alguns anos fazendo a mesma terceira série no povoado. Segundo a mesma, nem fazia matrícula e quando o ano letivo iniciava, lá estava ela no grupo escolar repetindo a terceira série. Acha que fez a mesma terceira série mais uns cinco anos, pois se deixasse de estudar teria que trabalhar o dia todo na casa de farinha ou na roça e ela não gostava desses serviços, como também não gostava dos afazeres domésticos, e os pais, incentivavam que estudasse para ser professora, e assim ela fazia, pois, os mesmos admiravam a professora e tinham grande respeito por ela, e no povoado, era a única profissão para as moças de família.

Freitas (2003, p. 38) coloca em relação à motivação para estudar: “observa-se que, muitas vezes, estão associadas a diferentes razões, como: boa reputação da instituição, tendo em vista seus professores catedráticos; aos conselhos familiares; ao desejo acalentado na infância em ser professor, entre outros”.

A informante, desde as primeiras conversas, sempre deixou claro que não queria ser apenas dona de casa, muito menos trabalhar na casa de farinha ou na roça, queria sim, casar, mas, trabalhar como professora também. Sua mãe ensinou-lhe as primeiras letras e palavras pequenas, e, ela ficava encantada com as descobertas e começou a ensinar as suas bonecas também e a falar que ia estudar para ser professora.

Retomando ao término do Curso Primário, foi um caminho difícil até alcançá-lo; pois, como posto anteriormente, teria que morar na cidade de Siriri, por mais de um ano para estudar, e depois, o certificado era emitido por um grupo escolar da cidade de Nossa Senhora das Dores. Tudo era muito difícil e complicado. Então, no final de 1966,

prestes a completar 17 anos, se mudou para Siriri, foi morar na casa de um casal amigo dos seus pais, que aceitaram recebê-la para estudar, e, em 1968, recebeu o tão sonhado diploma de conclusão do Curso Primário.

Voltou para o povoado e o sonho de ser professora permanecia vivo. Em 1969, casou com José, um jovem do povoado, e em 1970, nasceu sua primeira filha. Tempo depois, chegou até o povoado, à informação de que poderia surgir um concurso público para os grupos escolares dos povoados e ela ficou animada. Sabia que não seria fácil, porque ouvia comentários que esses processos eram complicados; contudo, não desistia fácil das coisas e começou a estudar com duas amigas nos finais de semana e durante a semana acordava cedo, e, depois dos afazeres domésticos, aproveitava quando sua filha dormia, e estudava mais um pouquinho.

Em 1972, a prefeitura do município de Siriri abriu o concurso público para o cargo de professora municipal do ensino de primeiro grau e graças aos anos de estudo a mais na terceira série, e da sua disciplina e força de vontade, foi aprovada em um processo difícil e muito exigente.

Contudo, para assumir o cargo, tinha que se comprometer a fazer um curso de treinamento na cidade de Itabaiana, e isso era início de 1973, e a informante, estava grávida da sua, terceira filha, o que tornava as coisas mais complicadas. No entanto, assumiu o cargo em março, sua filha nasceu em julho e em novembro as aprovadas em exercício, foram enviadas para o curso de treinamento para professores municipais da 1ª a 4ª séries do 1º grau, na cidade de Itabaiana, com duração de um mês e com 165 horas.

No grupo de professoras enviadas para Itabaiana, só duas eram casadas, a informante e outra colega que, por serem casadas foram liberadas com duas semanas de curso para passarem o fim de semana em casa. A informante relata que chorava muito à noite na hora de dormir com saudades das filhas e por causa de todas as dificuldades para chegar até ali; no entanto, tinha o apoio da família e sua irmã mais velha, que na época era noiva, ficou com sua mãe tomando conta das suas filhas.

Le Goff (2003, p. 471) coloca que “a memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro”. Sendo assim, a informante busca trazer dados que servirão para que os caminhos percorridos pela educação feminina sejam compreendidos em um momento histórico, onde estudar, se formar e ser professora não era fácil em virtude das dificuldades financeiras, de transportes e de professoras capacitadas e dispostas para assumirem os grupos escolares das cidades e povoados.

Observa-se neste estudo, que décadas depois do surgimento dos primeiros grupos escolares na capital do estado de Sergipe, com a formação das primeiras normalistas e o processo de ingresso na carreira profissional das mesmas, as dificuldades continuavam fortes e as resistências sociais persistiam no caminhar daquelas que almejavam a independência econômica e social.

Freitas (2003) coloca sobre o aspecto exposto que “as experiências vivenciadas pelas normalistas são permeadas de forma ambígua pela resistência e pelo conformismo, uma vez que, procuram independência social e econômica através do magistério, profissão socialmente permitida e considerada respeitável para as mulheres de classe média, no período analisado”. (Freitas, 2003, p. 166).

Em relação à formação e ingresso na carreira profissional da mulher, no magistério, muitas conquistas foram alcançadas, desde o surgimento do curso normal feminino em 1877; no entanto, um século depois, tendo como base o período desse estudo, entraves semelhantes cercam as mulheres que escolheram o magistério como profissão e possibilidade de ascender socialmente e de desmistificar a associação das mesmas as prendas do lar.

Resistindo aos aspectos mencionados acima, a informante desse estudo, não mediu esforços para persistir na caminhada, unindo a profissão à vida doméstica, como mãe e esposa, onde algumas décadas antes, por imposições da sociedade machista e exclusivista, muitas fizeram a escolha entre o querer ser professora e o celibato pedagógico feminino como, Santos (2006) expõe: para se ter uma ideia de como a questão do celibato pedagógico feminino tomou vulto na sociedade brasileira nos anos iniciais do século XX, tomemos por referência o estado de Santa Catarina que em 1917 criou uma lei impedindo as professoras casadas de serem contratadas. (Santos, 2006, p. 53).

O celibato pedagógico feminino, nas primeiras décadas do século XX, foi tema de diversos congressos de educação espalhados pelo país, onde questionavam a sexualidade da professora casada, como também alegavam que a mesma não poderia ser boa professora e boa dona de casa, desempenhando a dupla jornada; sendo assim, estados criaram leis, onde ser casada, e, ser professora, não era, na concepção deles, o profissional com requisitos ideais para a escola do período mencionado.

Dessa forma, a informante, décadas depois, vivenciava algumas mazelas da história de renúncias, perseguições políticas, apadrinhamentos e desvalorização da

competência, enquanto mulher/esposa/dona de casa/mãe/professora. Todavia, os obstáculos não foram impedimentos para a realização acalentada desde a infância.

A corrida em busca de qualificação, as exigências das fiscalizações e as dificuldades permaneciam na labuta diária da informante, agora, como aluna-mestra e dona de casa. Ela relata que:

Os inspetores cobravam muito e tudo era difícil e para fazer um bom trabalho não se podia deixar de estudar e estudar era complicado; eu tinha umas amigas que também queriam continuar estudando; então, a gente formou um grupo e no período de férias escolares a gente começou o curso supletivo de habilitação profissional, que era a “Habilitação Específica de 2º Grau”, na cidade de Nossa Senhora das Dores. Na época não era perigoso como hoje em dia, então a gente ia andando ou às vezes pegava carona na estrada, não fazia medo pegar carona; éramos cinco e para voltar à noite, ou a gente pegava carona em pau de arara ou voltava andando e quando ficava tarde e a gente não chegava, nossas famílias sabiam que a gente não teve carona, então, nossos pais, irmãos e maridos iam ao nosso encontro; eles se revezavam nos dias de busca; do povoado para a cidade, caminhando era mais ou menos duas horas para ir e duas horas para voltar. A gente estudava os meses de férias escolares todos, pois eram quando os grupos escolares estavam livres na cidade e os professores de Aracaju – capital do estado, podiam ir para Dores. Era muito sacrifício, eu tinha filhos pequenos e algumas etapas do curso eu estava grávida. Concluímos o curso em 1978, pois o curso foi dividido em duas etapas: Educação Geral com uma carga horária de 990 horas e Formação Especial com 1.660 horas, totalizando 2.650 horas.

A vida da mulher professora, dona de casa e mãe, era cheia de cobranças em relação a comportamentos, o que podia e o que não podia fazer na rua, na escola, e até em casa. A informante coloca que, para estudar, enfrentou o mau humor do marido diversas vezes e sempre conseguia que ele voltasse atrás nas decisões, graças à criação que o mesmo teve e ao apoio das famílias que incentivavam o seu desejo de continuar estudando e aperfeiçoando os conhecimentos.

Seu marido perdeu a mãe, ainda “rapazote”, e o pai, pouco tempo depois, então, os sogros eram uma espécie de conselheiros que ele ouvia e respeitava e também a ajuda no orçamento familiar contava muito. Santos (2006, p. 40) sobre a contribuição no orçamento familiar, diz que: “mulheres que mergulhavam nos estudos, formavam-se e desempenhavam suas funções no magistério sergipano durante muitos anos. Contribuíam para a educação de irmãos, sobrinhos e primos. Seus ordenados integravam o orçamento familiar”. Sendo assim, ela prosseguia estudando e aperfeiçoando os conhecimentos para acompanhar as exigências das inspeções escolares.

Relendo o questionário respondido pela informante e rememorando o diálogo que travamos sobre o estudo, reportamo-nos a uma passagem de Azevedo (2009, p. 15) quando coloca que: “naquele momento descobria também que os grupos escolares haviam sido extintos na década de 1970, ao serem substituídos pelas escolas de 1º grau (Lei 5692/71)”, e percebo que em todas as conversas e escritas da informante ela mencionou o tempo todo “grupo escolar” o que evidencia o enraizamento da história através das memórias da leitura do tempo e Chartier (2009) afirma:

Os historiadores sabem que o conhecimento que produzem não é mais que uma das modalidades da relação que as sociedades mantêm com o passado. As obras de ficção, ao menos algumas delas, e a memória, seja ela coletiva ou individual, também conferem uma presença ao passado, às vezes ou amiúde mais poderosa do que a que estabelecem os livros de história. (Chartier, 2009, p. 21).

O recorte em tela possibilita compreender o quanto à história e a memória estão entrelaçadas com o passado e são indissociáveis, e que mesmo tendo os documentos como e para justificativas dos acontecimentos, a memória cria laços inseparáveis com o passado, o vivido, o acontecido. Freitas (2003, p. 103) narra que: “o estudo da vida cotidiana parte da perspectiva de que o homem está inteiramente inserido nela. Compreende-se que o estudo da vida cotidiana escolar deve ser mais que a mera descrição de fatos corriqueiros que se desenvolvem no dia-a-dia. Faz-se necessário analisar as relações do indivíduo enquanto sujeito particular e participante de uma sociedade”.

Dessa forma, a informante traz em suas memórias o grupo escolar muito presente, pois, o mesmo se confunde com a sua história de vida na luta por uma educação/formação enquanto mulher e enquanto professora entre as décadas de 50 e 70 do século XX. Sobre os grupos escolares, Azevedo (2009), expõe:

O quadro de professores dos grupos em Sergipe possuía uma característica peculiar em termos de gênero. Os grupos escolares tiveram um importante papel na construção de um novo olhar social sobre a profissão docente, pois seus quadros eram formados predominantemente por mulheres, as quais chegavam a ocupar inclusive os cargos de direção dos estabelecimentos de ensino, situação diferente de outras vividas por experiências com grupos escolares em outras partes do país onde o corpo docente era também composto por mulheres, mas a direção geral dos trabalhos ficava em geral a cargo de homens. (Azevedo, 2009, p. 131).

A informante relata que no ano de 1975, do início de janeiro ao final de fevereiro, participou de cursos de aperfeiçoamento para professores municipais na cidade de Siriri, e um dos cursos que chamou atenção e que até hoje recorda algumas coisas, foi o curso de Educação Sexual e Primeiros Socorros, pois esse curso era para falar como a professora deveria se comportar quanto à sexualidade, como se vestir, o que podia e o que não podia ser feito e ser ensinado na sala de aula e onde andasse, a professora tinha que ser exemplar, e as casadas discretas sobre a sua vida.

Utilizando da premissa do comportamento quanto à idoneidade da professora, um dos questionamentos foi a respeito de como era tratada a questão da higiene, visto que diversos autores abordam o discurso higienista no século XX, tendo início no final do século XIX. A informante coloca que:

A gente olhava se as unhas dos alunos estavam limpas e cortadas, os dentes, orelhas, cabelos lavados e penteados, se o pescoço estava limpo e as roupas, mesmo velhas estavam sempre limpas e costuradas, os alunos não iam para a escola com roupa rasgada, sem tomar banho ou assanhados, e dormindo como muitos que vejo hoje em dia chegando à escola, quando vou levar minha neta, e eram alunos

pobres e não de escolas particulares. As coisas eram diferentes de agora e o professor era respeitado, uma autoridade.

Analisando o exposto pela informante em relação ao discurso higienista, o mesmo corrobora as leituras que enfatizam a higiene muito presente nos grupos escolares no final do século XIX e início do século XX, como um dos aspectos importantes ligada ao comportamento e as condições saudáveis dos alunos, tendo influência direta na sua aprendizagem, nos remetendo a premissa de corpo saudável, mente sã, Azevedo (2009) traz:

As práticas higienistas objetivavam evitar doenças, bem como criar hábitos saudáveis para a sociedade. Estes deviam ser cultivados desde a infância, por isso, atribui-se à escola primária o papel de disseminação dos bons hábitos higiênicos. A escola primária, objeto de transformações no início da República, vai através de uma nova modalidade escolar – grupos escolares – difundir tais comportamentos (Azevedo, 2009, p. 187).

Sabe-se que um corpo saudável é um espaço aberto e propício para ser sedimentada uma aprendizagem que possa transformar o homem e o espaço em que está inserido, e era essa a preocupação dos Presidentes da República e alvo de discussões e trabalhos conjuntos da Diretoria de Instrução Pública e Diretoria do Serviço Sanitário, tendo a professora como um ponto de ligação na efetivação dentro das salas de aula.

A educação escolar feminina e a formação de professora no período abordado nesse estudo não eram fáceis principalmente para a informante que nasceu em um pequeno povoado pertencente a dois municípios, onde um lado do povoado pertencia a Siriri e o outro a Nossa Senhora das Dores; a informante morava no lado pertencente a Siriri. Ela coloca que o desejo de ser professora e o não querer trabalhar na roça e na casa de farinha, além do incentivo da sua família foi essencial para vencer as barreiras do acesso ao ensino e as dificuldades que permeavam as mulheres nesse período.

DEPOIMENTO ABERTO: HISTÓRIA DE VIDA, NO PROCESSO DE FORMAÇÃO

Após o término do questionário, a informante, indagou-nos se poderia contar uma história que estava atrelada a sua formação e se achássemos conveniente, poderia acrescentar ao estudo. Foi acenado positivamente, e ela fez uma viagem no tempo, através das memórias de um passado vivo no presente individual e coletivo, como coloca Chartier (2009):

Numa época em que nossa relação com o passado está ameaçada pela forte tentação de criar histórias imaginadas ou imaginárias, é fundamental e urgente a reflexão sobre as condições que permitem sustentar um discurso histórico como representação e explicação adequadas da realidade que foi. Supondo em seu princípio a distância entre saber crítico e reconhecimento imediato, essa reflexão participa do longo processo de emancipação da história com respeito à memória e com respeito à fábula, também verossímil. (Chartier, 2009, p. 31).

Analisando a importância da memória, como explicita Chartier, na tela acima, a informante ingressou nessa viagem e voltou para 1973, período do curso de treinamento, que aconteceu na cidade de Itabaiana e que deixou marcas na sua vida pessoal e profissional, tornando-se, força diária para não desistir perante os obstáculos que surgiram na caminhada da sua formação para o magistério primário. Sendo assim, faz um emocionante relato cheio de vida e história:

Alcançar cada degrau da minha formação no magistério, não foi fácil, e as marcas doem até hoje, pois ao retornarmos de Itabaiana, depois de dias cansativos de estudo, das saudades da família, das noites de solidão individual, dos choros embaixo das cobertas e de um lindo encerramento, voltávamos para as nossas casas com um certificado nas mãos, e na bagagem, planos de novos trabalhos em sala de aula, pois, éramos jovens profissionais e cheias de sonhos. Viajávamos em uma espécie de caminhãozinho, na parte de trás, e aos poucos, a turma ia diminuindo, à medida que deixávamos colegas nos seus povoados. Bem próximo de chegar ao povoado onde residíamos, Itaperoá, já

seríamos as últimas e estávamos em cinco... o caminhãozinho capotou e quando acordei, estava no hospital da cidade vizinha, estava viva, apesar dos graves machucados e não compreendia a tamanha tristeza estampada nos rostos dos familiares presentes, e o primeiro impulso foi perguntar pelas colegas e por minha amiga (a outra colega casada), queria saber se estavam bem; respostas não convincentes foram dadas, disfarçadas, e assim, fiquei alguns dias internadas e ao retornar para casa, recebi a notícia que acrescentou uma energia diferenciada na minha vida, na luta pela realização de ser professora, pois, a partir daquele dia, eu lutaria por mim e pela minha amiga que não resistiu ao acidente, deixando uma família despedaçada e filhos pequenos sem o seu amor presencial, seu cuidado maternal, e sem os planos de melhorias para todos, como o término da construção de sua casa própria, adquirida com o fruto do seu trabalho, do sonho de ser professora, contra as adversidades impostas pela sociedade e pelas dificuldades inerentes à época. Lembro-me que chorei muito e carregava a tristeza da despedida que não aconteceu. Foram dias difíceis, onde os obstáculos se tornaram imensos e as forças desfalecidas, todavia, quando pensava que ia fraquejar, brotava uma determinação maior do que os empecilhos, e assim, eu seguia na caminhada de ser professora, mesmo quando a história apontava para as incompatibilidades no desempenho concomitante das tarefas.

Diante do exposto, percebe-se que a história evolui, os cenários modificam-se, os personagens vão desaparecendo e outros surgindo, contudo, a essência histórica permanece no coletivo social e no individual de cada partícipe, através das memórias que falam por nós e apontam as marcas vivas inerentes a cada ser social e histórico. Segundo Chartier (2009):

Não se trata de reivindicar a memória contra a história, à maneira de alguns escritores do século XIX, e sim de mostrar que o testemunho da memória é o fiador da existência de um passado que foi e não é mais. O discurso histórico encontra ali a certificação imediata e evidente da referencialidade de seu objeto. Mesmo que aproximadas dessa maneira, a memória e a história continuam sendo incomensuráveis. (Chartier, 2009, p. 23-24).

Emergiu, através do relato da informante sobre uma passagem relacionada à sua caminhada na busca da formação profissional do magistério, entre as décadas de 50 a final de 70, do século XX, enfocar a relação entre a história e a memória, tão bem posta por Chartier (2009), salientando, a clareza dessa junção.

Voltado o foco para a formação de professora do ensino primário e a trajetória da informante no período em estudo, constata-se que a caminhada foi enfrentada de acordo com o que a história apresentava no momento, percebendo-se que a sociedade vai desmistificando seus fantasmas de acordo com as representações postas, e assim, a história vai sendo construída e desconstruída no coletivo e individual de cada membro, através dos fatos que antecedem e sucedem uma determinada época.

Colaborar através desse estudo, para outros vindouros, sobre Educação Escolar, Formação de professoras e memórias, através das representações da informante, em um período da história, onde a mulher despontava na conquista por espaço na educação escolar, carreira profissional, visando à independência, ascendência social e econômica, foi de um aprendizado imensurável, enquanto estudantes e pesquisadores na área de Formação de Professores, ficando o desejo de conhecer outras histórias, através das Histórias de Vida.

BREVES CONSIDERAÇÕES

Sobre a proposta abordada nesse estudo fica evidente o galgar da informante em busca do diploma de conclusão do Curso Primário que lhe daria acesso ao sonho de ser professora, abrindo portas diferentes daquelas que lhes eram oferecidas, desejo acalentado nas brincadeiras de criança.

Percebe-se que a influência familiar estava presente nessa escolha e que a família teve papel fundamental em todo o percurso, pois, sem o apoio da mesma a escrita da sua história poderia ser outra.

A informante aborda aspectos relacionados à sua formação, persistentes nessas décadas que foram fortes no final do século XIX e início do século XX, como a higienização, a fiscalização nos grupos escolares pelos inspetores escolares, a idoneidade e comportamento da professora dentro da sociedade, como também a ajuda do salário no orçamento familiar.

Outro ponto evidenciado, trata da trajetória de sua professora, uma ex normalista deslocada de sua cidade para viver em um povoado, quilômetros distantes de sua

família, com pouca estrutura, sem conhecer ninguém, trazendo na pequena bagagem a liberdade, a independência social, econômica e o desejo de ensinar outras a voarem em busca dos seus sonhos.

Conclui-se o estudo com a certeza de que as memórias colocadas em evidência foram essenciais para a construção histórica da educação escolar, das décadas mencionadas anteriormente, e a formação de professora, da informante, que nos presenteou com relatos marcantes e que serão eternizados nos escritos da vida.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Crislane Barbosa de. **Grupos escolares em Sergipe (1911-1930)**. Cultura escolar, civilização e escolarização da infância. Natal: EDUFRN, 2009.

CHARTIER, Roger. **A História ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CHARTIER, Roger. "Escutar os mortos com os olhos". In: **Estudos Avançados**. 24 (69), p. 7-30. Rio de Janeiro: 2010.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. "**Vestidas de azul e branco**": um estudo sobre as representações de ex-normalistas (1920-1950). São Cristóvão: Grupos de Estudos e Pesquisas em História da Educação/NPGED, 2003.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003. p. 419-476.

SANTOS, Nivalda Menezes. **O celibato pedagógico feminino em Sergipe nas três primeiras décadas do século XX**: uma análise a partir da trajetória de Leonor Telles de Menezes. 2006. 135 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2006.